

ARTIGO

**A criança como sintoma da família: uma revisão de literatura**

Cinthia F. Hauck<sup>1</sup> & Leila Guimarães Lobo<sup>1,2</sup>

<sup>1</sup>Faculdade Machado Sobrinho, <sup>2</sup>Docente e Pesquisadora

Disponível *on-line* em [http://www.machadosobrinho.com.br/revista\\_online/index.php](http://www.machadosobrinho.com.br/revista_online/index.php)

**RESUMO:** Este artigo objetiva investigar a relação existente entre o sintoma da criança e os pais, tendo enfoque tanto os pais quanto a criança estruturada neuroticamente, na qual o agente da castração (pai simbólico) operou. Para tal, foi realizada uma revisão sistemática de literatura com ênfase na Psicanálise, dando destaque a autores que corroboram a ideia de existir esta relação, como Bastos, Checchinato, Dolto, Lacan, Mannoni entre outros. Estes enfatizam a responsabilidade da família pelas formações vinculares e, a partir do par parental, o sujeito começa a se constituir e a realizar suas primeiras experiências. Todavia, em diversas famílias, o conflito dos pais é presenciado e vivenciado pelos filhos o que pode prejudicá-los emocionalmente e gerar uma angústia insuportável, manifestando sintomas como uma única saída viável. Os sintomas podem ser evidenciados devido a projeções inconscientes do desejo dos pais recaírem sobre suas crias, como também, um desequilíbrio na relação triangular em que a figura paterna frágil ou ausente pode gerar complicações ao infante, pois a função paterna opera a castração, instaura a lei e separa a criança da mãe. Diante do exposto, conclui-se que é necessário que a criança seja protegida, cuidada e amparada por sua família para que possa desenvolver-se de maneira salutar e não responda ao que há de sintomático no cerne familiar.

**Palavras-chave:** Criança, psicanálise, sintoma, família, pais.

**ABSTRACT:** This article investigates the relationship between the symptom of the child and the parents, and focuses on both parents and child neurotically structured, in which the castration agent (symbolic father) operated. To this end, a literature systematic review with emphasis on Psychoanalysis was held, highlighting the authors who support the idea of such a relationship, as Bastos, Checchinato, Dolto, Lacan, Mannoni among others. These emphasize the responsibility of the family on bond formations, and from the parental couple the person begins to form and to hold its first experiences. However, in many families, parents' conflict is seen and experienced by children, which can hurt them emotionally and generate an unbearable anxiety, manifesting symptoms as a single viable solution. Symptoms may be disclosed due to unconscious projections of parents' desire relapsing on their offspring, but also an imbalance in the triangular relationship in which the weak or absent father figure can cause complications to the infant because the paternal function operates castration, establishes the law and separates the child from the mother. Given the above, it is concluded that it is necessary that the child is protected, cared for and supported by its family so that it can develop in a healthy way and not respond to what is symptomatic in the family core.

**Key-words:** Child, psychoanalysis, symptom, family, parents.

## INTRODUÇÃO

Na infância observa-se o início da constituição do sujeito e, este, por sua vez, está integrado a uma família que passa a ter um papel imprescindível na constituição daquele. É no contexto familiar que acontecem as primeiras experiências vivenciadas pelo infante as quais se dão a partir do lugar que ele ocupa no desejo do outro materno e a partir do posicionamento do pai frente a esse desejo. Trata-se aqui de um complexo – o complexo de Édipo – em que tanto a criança quanto os pais estão envolvidos e a sua vivência e elaboração dependerá de como a família se organiza e de como os pais elaboraram suas próprias vivências edípicas.

Sabemos que as relações conjugais em muitas famílias são marcadas por conflitos e que a criança acaba por ser colocada numa posição de sustentáculo da relação do casal. Assim, o infante, em sua total dependência, poderá ficar – enquanto sujeito – sem lugar, visto que tem como função encobrir ou tamponar aquilo que dos pais aparece como faltoso e que gera tensão. Nesta situação, a criança, ocupando um lugar de objeto, teria como saída a formação de sintomas numa tentativa de denunciar ou revelar a problemática daqueles. Saída, essa, que poderá levá-la a ocupar um lugar enquanto sujeito.

Partindo dessas premissas, este artigo visou compreender a relação que há entre o sintoma da criança e os pais. Para tal, se ateu a fazer uma análise sobre os aspectos dessa relação, como também, elucidar sobre a importância do complexo de Édipo para a organização subjetiva da criança e verificar o comprometimento na subjetividade infantil quando a função paterna opera de forma insuficiente. Ainda, tornar explícito a sintomática do infante como consequência de uma triangulação confusa em que a função paterna se encontra pulverizada. Os sintomas da criança serão investigados considerando a sua dependência ao outro que a leva a não assumir um lugar enquanto sujeito, devido à problemática dos pais.

De acordo com Bastos (1999), antes de a criança nascer, um olhar, uma voz, aguardam-na. Alguma coisa é falada sobre ela, um olhar que determinará como esta constituirá sua própria imagem. Assim, antes mesmo de seu nascimento, a criança já é inserida na estrutura e na dinâmica da família, o que indica que possui um lugar na subjetividade do par parental, mais especificamente um lugar no desejo do outro.

Isso demonstra que a relação que os pais estabelecem com a criança é entrelaçada por este desejo que, por estar relacionado com os aspectos subjetivos daqueles, e sendo esses conflituosos, muitas vezes mostra que o desejo parental é que a criança possa tamponar aquilo que gera conflitos subjetivos naqueles.

Assim, a criança, numa tentativa de sair da posição de tamponar os conflitos subjetivos de seus pais, encontrará como saída a formação de sintomas que a levará a revelar a verdade subjetiva do par parental.

Lacan (citado por Checchinato 2007, p.139) menciona que o sintoma infantil responde ao que existe de sintomático na estrutura familiar. Contudo, o sintoma seria a projeção do que existe de problemático no cerne da família. A criança é o refúgio das projeções dos problemas dos pais. O autor ainda questiona: que lugar é esse? Ele seria um lugar psíquico que engloba o imaginário infantil, no qual se "enxerga" como um reservatório daquilo que não suporta no pai ou na mãe e um lugar físico que surge no nível do corpo, anatomofisiopatológico, já que aquilo que não se consegue nomear aparece no real. A manifestação desses lugares fundamenta-se tanto no inconsciente dos pais quanto no dos seus filhos. Dessa forma, podemos perceber que o sintoma infantil não se refere apenas à criança, mas ao par parental também, o que faz com que a clínica com a criança apresente algumas especificidades em relação à clínica com o adulto.

Do ponto de vista de Mannoni (2004), deve-se realçar o discurso dos pais, em particular, o que é dito pela mãe, já que a criança se constitui a partir do outro – os pais. Estes, na maioria das vezes, é que buscam, na consulta, uma solução para a sintomática do filho. Portanto, percebe-se na clínica que muitos pais chegam angustiados, trazendo seus filhos, justificando que eles possuem "algum problema", e, por isso, apresentam determinados tipos de sintomas. É a partir da fala dos pais que será "descoberto" que por trás das palavras proferidas e, muitas vezes,

repetidas, existem palavras recalcadas e, conseqüentemente, excluídas do encadeamento fluente da fala. E é neste lugar em que o discurso tropeça que a "verdade" poderá ser atingida, emergindo palavras e imagens que identifiquem a criança no discurso parental (Bastos, 1999).

Por tudo isso, este artigo abordará autores que enfatizam a importância da família e suas relações. Para tal, iniciaremos destacando a transformação sofrida por ela ao longo do tempo e o importante papel que o par parental desempenha no desenvolvimento do infante, pois propicia a este um desenvolvimento de forma sadia e a elaboração do complexo de Édipo. Posteriormente, elucidaremos a importância do Complexo de Édipo, drama subjetivo constituído por uma triangulação – criança, mãe e pai – que gira em torno de um objeto de desejo – o falo. Por fim, trataremos do sintoma da criança como uma única saída possível, em razão de um pai ausente não operar a lei, gerando uma confusão triangular entre mãe-pai-filho, como também as ressonâncias libidinais inconscientes do desejo dos pais recaírem sobre seus filhos, e por fim o sintoma tornar-se o representante da verdade do par parental.

### **METODOLOGIA APLICADA**

Este artigo tratou de uma revisão sistematizada de literatura que trabalhou com descritores isolados ou associados e que foram representativos da temática de investigação como criança, psicanálise, sintoma, família e pais. Vale ressaltar que o recorte temporal se refere ao período de 1995 a 2013, realizado junto às seguintes bases de dados virtuais: LILACS, SCIELO, MEDLINE, PEPISIC, biblioteca virtual da Universidade de São Paulo (USP) e biblioteca virtual da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foram utilizados como critérios de busca os seguintes indicadores: ano de publicação, a pertinência em relação ao tema, o veículo de publicação, a modalidade de produção (trabalhos empíricos, teóricos e de revisão) e as referências que versaram sobre a criança e o sintoma da família com embasamento psicanalítico. Foram excluídos artigos em língua estrangeira, artigos e livros que não contemplaram o tema proposto (pontos de vista de profissionais de diversas áreas que não corroboraram a psicanálise e outros que a sustentaram, porém expressaram pontos de vista diferentes). Além disso, foram realizadas pesquisas em livros selecionados do período de 1982 a 2013, cujos autores como Manonni, Dolto, Checchinato, Lacan entre outros enfatizam a psicanálise, considerando a relação entre o sintoma da criança e os pais.

Vale salientar que no presente artigo enfoca-se tanto os pais quanto a criança estruturada neuroticamente, na qual o agente da castração (pai simbólico) operou.

### **A FAMÍLIA**

Segundo Soifer (1982), a família se apresenta como um conjunto de pessoas que convivem por um tempo prolongado, relacionando-se com a sociedade e com a cultura. Por conseguinte, o *infans*, ao nascer, carece de noções fundamentais para sua sobrevivência. Incapaz de sobreviver sozinho, ele necessita dos pais para que o ensine desde os atos mais simples aos mais complexos, para constituir-se de forma sentimental e profissional.

De acordo com Soifer (1982), durante o processo de aprendizagem dos filhos, os pais os ensinam a amar, como também a serem solidários. Junto à função de ensinar deve estar a de pôr limites. Estes objetivam dar a noção da realidade ao infante opondo-se à fantasia, já que o ser humano tende, fortemente, a seus ímpetos. Sendo assim, a noção da realidade tem papel importante para a criança na contenção de seus impulsos.

Entretanto, para se estabelecer este processo é essencial haver por parte das figuras parentais um investimento sobre a criança, isso significa que para o ser humano, existir não é análogo à vida. Antes de nascer, uma criança pode obter um lugar na família, criado a partir do desejo do par parental e, assim sendo, estes nomeiam os filhos e criam expectativas sobre eles. A partir do contato que a criança mantém com o Outro, inicialmente com a mãe, e, *a posteriori*, com a linguagem e com a cultura, é que o sujeito se constitui (Meira, 2003).

Esta mesma autora afirma que a função materna está atrelada ao cuidar do filho e, com isso, ela transmite amor, propiciando caminhos para que o sujeito possa se constituir. Entretanto, a mãe não é dotada de perfeição e nem é completa, por isso, sua criança acaba por ocupar o lugar que lhe falta. Neste instante, dá-se a entrada do pai – função paterna –, sendo este uma criação, um engenho fundamental para a constituição desse sujeito. Podemos dizer que a função paterna não só proíbe o gozo da plenitude, como também faz nascer o desejo do sujeito. Ainda conforme Meira (2003), o pai é aquele que fará o corte na relação da criança com a mãe, sendo isso imprescindível, pois possibilitará ao infante que deixe o lugar de objeto materno. É importante salientar que falamos de função e, sendo assim, esta pode ser desempenhada por pessoas diversas. Dessa forma, o pai pode desempenhar a função materna de cuidar do filho e desejá-lo, assim como a mãe ou outras pessoas podem exercer a função paterna desde que se coloquem no lugar da interdição, da lei.

Dentro dessa visão Mendonça (2013) acredita que a família é a estrutura responsável pela transmissão e inserção do infante na cultura por meio das figuras parentais que exercem funções primordiais na inscrição da criança no universo simbólico. A autora sublinha que por se tratar de funções simbólicas não se faz necessário que o agente das funções materna e paterna recaia sobre as figuras da mãe e do pai, respectivamente, o que não quer dizer, com isso, que são funções anônimas, as quais qualquer um pode exercê-las, já que pressupõe o desejo do outro.

Jerusalinsky (2009), cita que há um tempo para que o *infans* possa construir-se por intervenção do Outro e, dessa forma, tornar-se parte da história familiar. Esse tempo para a mãe e o bebê é constante e circundante sendo antecedido pelo tempo do desejo. Dessa forma, a mãe apresenta o bebê como objeto do seu desejo e, simultaneamente, investe-o com seus cuidados, oferta-lhe bem-estar e permite-lhe sobreviver. Conforme a autora, para que a dimensão psíquica possa ser constituída, é fundamental que a relação entre mãe e filho se inscreva numa relação de falta e isso se dá através da presença e ausência daquela.

Assim, a partir dos autores citados acima, vemos que o sujeito é o efeito da família, do desejo da mãe, do efeito da interdição o qual impede que entre mãe e filho haja uma “colagem”, na medida em que o pai atua como princípio da separação do que diz respeito ao desejo da mãe, ou desejo do Outro. Nesta reflexão, Meira (2003) questiona qual seria o lugar da família, concluindo que a esta caberia a tarefa de constituir o sujeito e ajudá-lo a lidar com o mal-estar constante que faz parte da estrutura de todos os sujeitos. Para isto, esta família tem que se reconhecer faltosa para que possa emergir o desejo. Sendo assim, a família só opera enquanto fracassa, uma vez que pais e mães são insuficientes na medida que não são plenos.

De acordo com Roudinesco (2003), na contemporaneidade, a família pode ser definida por uma junção entre duas pessoas que buscam intimidade e realização através do sexo. Assim, a autoridade se modifica, já que novos arranjos familiares anulam os lugares antes seguros por pais e filhos, pois o avanço do declínio do patriarcado foi acelerado pelo decréscimo da autoridade moral do pai e da exclusividade do seu poder econômico. Ainda, conforme a autora, a elevação dos valores do homem de respeito a outrem, após o término da Segunda Guerra Mundial, propiciou um cenário para a emancipação feminina. Dessa forma, a hegemonia na qual se tinha como base a imagem do pai, atualmente, dilui-se garantindo novas formas de parentalidade com inúmeras consequências para o processo de subjetivação dos filhos. Segundo a autora, a família contemporânea é uma instituição democrática, horizontal; seu poder está descentralizado e repartido entre seus membros. Para ela “esta família se assemelha a uma tribo insólita, a uma rede assexuada, fraterna, sem hierarquia nem autoridade, e na qual cada um se sente autônomo ou funcionalizado” (Roudinesco, 2003, p.155).

De acordo com Kehl (2001), as novas formações familiares do século XXI mostram-se enclacradas em relação a uma estrutura ideal. Assim, os pais, em função da perda da dívida familiar, não se creem suficientes e estão fora do padrão que “deveria ser”: “os pais e/os educadores, em dívida para com a família nuclear conjugal do passado, não conseguem sustentar seu lugar de autoridade e responsabilidade na criação dos rebentos”, (Kehl, 2001, p.37). Dessa

forma, a autora assinala esta posição assumida pelos adultos responsáveis pelos infantes como uma renúncia de responsabilidade e de autoridade e a intitula como uma posição de “abandono moral”.

Ainda segundo Kehl (2001), não se deve dividir a família em papéis tradicionais como: pai, mãe e filhos e sim em um pai ou uma mãe que realize esta função, pois a família é o que estrutura edipicamente os sujeitos. E é nessa estrutura, que se chama família, que a criança vai ser interpelada pelo desejo que a constituiu, o desejo do Outro, e vai deparar-se com o seu próprio desejo. E é nesse enviesamento que ela se tornará um ser de linguagem, barrada em relação ao gozo do Outro. Porém, para isso é necessário que o pai, enquanto função, e por isso simbólico, se faça presente como agente da castração, ou seja, aquele que promoverá o corte na relação narcísica e especular que se constitui entre a mãe e a criança. Trata-se aqui do Complexo de Édipo, drama subjetivo constituído por uma triangulação – criança, mãe e pai – que gira em torno de um objeto de desejo – o falo.

## O COMPLEXO DE ÉDIPO EM LACAN

Entendemos o Complexo de Édipo como “fábrica de subjetivação sexuada”, isto é, estrutura psiquicamente o sujeito, demarca sua personalidade e sua subjetivação (Migueluez, 2012, p. 146). Assim sendo, o complexo de Édipo é um doloroso caminho entre o desejo selvagem e o socializado, consentindo que estes nunca sejam totalmente satisfeitos. Isto faz supor que a criança edipiana tem desejo pelo outro, sente desejo pelo seu corpo e pelo corpo do outro aprendendo refrear seus desejos a favor do prazer de viver em sociedade (Nasio, 2007).

Na concepção de Lacan, o complexo de Édipo é vivenciado em três tempos distintos e complementares, portanto, sendo um motor do complexo de castração. O curso do Édipo, segundo Lacan, é mediado pela função fálica e, dessa maneira, possui quatro protagonistas na história: a mãe, o pai, a criança e o falo – objeto de desejo por obturar ilusoriamente a falta e, por consequência, à castração. Nesse sentido, será em torno do falo que vai girar o desejo dos outros três (Almeida, 2010).

Almeida (2010) corrobora a tese de Lacan ao explicar que ao adentrarmos no primeiro tempo do Édipo, o infante encontra-se "fusionado" com a mãe. Este momento é facilitado devido aos cuidados e necessidades que ela satisfaz da criança e esta se coloca como objeto do que presumivelmente falta a ela – o falo. Assim, a criança está identificada ao falo materno (único objeto que pode satisfazer a mãe), sendo que a mãe é para a criança um Outro, pleno e onipotente. Neste momento do Édipo, o pai real (e, por conseguinte, o simbólico) encontra-se fora do circuito da relação mãe-criança. O pai surge de forma velada, propagando-se como significante no discurso materno, posto que sua presença, como terceiro, é aquele que barra a relação de fusão entre a mãe e a criança que até então não está presente (Lacan, 1995).

De acordo com Lacan (1995), neste primeiro tempo, a problemática fálica localiza-se perante a dialética do ser. O objeto fálico ao qual a criança se equipara, reconhece um caráter imaginário a esta relação, visto que infere a ausência de uma instância mediadora – o pai. Contudo, ainda que não conte com a intervenção deste, a relação se dá por identificar falicamente a criança como objeto de desejo da mãe. Desta maneira, a criança depara-se em uma posição dialética: ser ou não o falo, o objeto desejante daquela.

Lacan (citado por Almeida 2010) aponta, no segundo tempo, a ocorrência da intervenção do pai sobre a mãe, intervindo na relação dessa criança com esta. O pai surge como um representante da lei, proibindo a satisfação dos impulsos que gera frustração no filho ao mostrar quem é que "possui a mãe". Neste segundo tempo, é apresentado à criança o complexo de Castração simbolizando o pai. Neste momento, o Édipo parte propriamente da dialética de ser ou não ser o falo, inserindo a dimensão paterna, e “tem como eixo o momento em que o pai se faz pressentir como proibidor. Ele aparece mediado no discurso da mãe” (Lacan, 1995, p. 209). Portanto, ocorre a intervenção de um terceiro que introduz a lei da interdição na relação de fusão mãe-filho, propiciando à criança defrontar-se com a questão da falta, a princípio identificada no

campo do Outro. O pai ascende ao lugar de significante (Nome-do-Pai), aparecendo como metáfora da ausência da mãe, apropriando-se do lugar de significante do desejo materno, isto é, aquele que impede a criança de satisfazer seus impulsos uma vez que esta percebe que é ao pai que a mãe se dirige. Assim, a entrada do pai nesta relação de fusão entre a mãe e o filho é experimentada como uma frustração. Simultaneamente, a mãe se vê privada do que pressupunha ser o falo: a criança equiparada como seu objeto de desejo.

Para Lacan (1995), é pela entrada da dimensão paterna que ela é inserida no registro da castração, indagando-se ser ou não o falo, pois o surgimento do pai enquanto objeto fálico possibilita a entrada da criança na dialética do ser. O pai como um adversário, um intermediário, um terceiro na relação mãe-filho, mostra-se como objeto de desejo da mãe, como aquele que possui o falo. Ao transferir o pai para o lugar da instância paterna, a criança defronta-se com a lei paterna, fundada na suposição de que a própria mãe é dependente dessa lei. É necessário que este desejo atravesse a lei do desejo do Outro – o pai – através da mãe, para ser permitido responder às demandas da criança. De agora em diante, ela exprime o desejo da mãe como submetido à lei do desejo do Outro. Isso demonstra que seu próprio desejo depende de um objeto, que o Outro pressupõe ter ou não ter. Nesta concepção, a criança, ao se deparar com a questão da castração na dialética do ter, tem entrada à simbolização da lei do pai. A mãe admite o pai como aquele que dita a lei e concede à criança colocá-la no lugar de depositário do falo, sendo essa a mediação inserida pelo pai.

No momento que a intrusão paterna coloca em jogo o desejo da criança, torna-se viável que ela volte a questionar sua identificação imaginária como objeto fálico da mãe. Ao ter seu desejo interpelado pela função do pai, a criança se defronta com o registro da castração pela instância daquele e compreende que não é o falo e não o possui, da mesma maneira que acontece com sua mãe (Lacan, 1995).

Para Almeida (2010), no terceiro tempo, finaliza-se a rivalidade fálica em volta da mãe. O pai surge para a criança não mais como a lei, mas como sendo um representante dela. Este pai perde a onipotência e se mostra castrado. Ele é o ser que possui o falo e tem a função de mostrar que este circula. Dessa forma, pode doá-lo ao filho ou apontar à filha onde encontrá-lo. A criança sairá do estado do ser para o estado do ter. A condição de ser não pode ser ofertada, mas o ter, sim. O significante fálico, como a pessoa da mãe, no primeiro tempo, se fará presente e ausente na vida dos sujeitos. Conforme Lacan (1995), no terceiro tempo do Édipo, o falo surge simbolicamente, podendo circular na cadeia significante. Colocada em perigo quanto aos seus investimentos libidinais, a criança descobre que a mãe nutre um desejo em relação ao desejo do pai. Lacan nos aponta que algo que destaca o sujeito de sua identificação também o amarra. Ao mesmo tempo surge a lei, indicando que a mãe é dependente do objeto que não é mais unicamente o objeto de seu desejo, mas sim um objeto que o outro tem ou não tem. A rivalidade fálica que gira em torno da mãe, coloca o pai no lugar daquele que tem o falo. Este recobra a posição de objeto do desejo daquela, possibilitando ser apenas o objeto do qual o pai pode privá-la.

Assim sendo, verifica-se um novo deslocamento do objeto fálico. A instância paterna abandona seu lugar no imaginário para suceder no lugar de pai simbólico, sendo investido como aquele que tem o falo. Portanto, a criança inserida na lógica fálica, abandona ser o falo e com a instauração da falta, passa a desejar a ter o falo. Esta dialética de ser ou ter coloca em jogo as identificações. O menino se inscreve na lógica identificatória no instante que renuncia a ser o falo e adere-se na dialética do ter, identificando-se com o pai que é o suposto ter. A menina se identifica com a mãe, deparando-se com a dialética do ter a partir do não ter. Como esta, ela não tem, mas sabe onde encontrá-lo.

O que se torna estruturante é o fato de o falo retornar ao seu lugar de origem, ao pai, através da preferência da mãe o qual irá desencadear a passagem do ser ao ter que permitirá a instalação da metáfora paterna. A respeito desta, Lacan nos diz: “Para que haja alguma coisa que faz com que a lei seja fundada no pai, é preciso haver o assassinato do pai. As duas coisas estão

estritamente ligadas — o pai como aquele que promulga a lei é o pai morto, isto é, o símbolo do pai. O pai morto é o Nome-do-Pai (...)" (Lacan, 1995, p.152).

Conforme Nasio (2007), tanto o menino quanto a menina recalcam suas fantasias e angústias para serem disponíveis e conquistarem novos objetos de desejos. Gradativamente, surgirá pudor, sentimentos de culpa, estabelecendo-se a sua identidade sexual de homem ou mulher.

Posto isto, independentemente das novas transformações que vêm aparecendo na sociedade atual, principalmente na família:

*Todas as crianças, sejam quais forem suas condições familiares e socioculturais, vivem essa fantasia universal que é o complexo de Édipo. Seja abandonada, órfã ou adotada pela sociedade, nenhuma criança escapa ao Édipo! Por quê? Porque nenhuma criança escapa à torrente das pulsões nela desencadeadas entre os três ou quatro anos de idade, e porque nenhum adulto de seu círculo imediato consegue evitar desempenhar o papel-alvo das pulsões e de canal para drená-las (Nasio, 2007, p. 131).*

### O SINTOMA NA CRIANÇA

As crianças nascem em contextos familiares característicos e toda a história que será constituída terá os fatos que precederam o seu nascimento e, conseqüentemente, os que irão acontecer ao longo da sua vida. As singularidades como o sexo, o instante de seu nascimento, situações referentes à gestação e ao parto, o lugar que ocupa em relação a seus irmãos, são dotados de significados para cada um dos pais e marcam um lugar em que a criança responderá a partir de determinada posição (Braeur, 1994).

Assim, o filho não é apenas um sucessor, um descendente biológico ou o resultado de uma cópula, feito por um homem e por uma mulher. Ele é de carne, e o mais relevante é que ele é constituído de significantes, "pode ser o filho que eu fui, ou aquele que eu queria ter sido [...] Um filho é mesmo um significante a ser lido". (Bastos, 1999, p.79).

Sabemos que o desencadeamento do sintoma pode surgir devido à vivência edipiana e Checchinato (2007) afirma que a lei decorre da função paterna a qual introduz a criança na castração da mãe, retirando esse infante da ordem da natureza e introduzindo-o na cultura. Conforme esse autor, são os pais que podem e devem propiciar o desenvolvimento sadio de seus filhos garantindo e facilitando uma escolha edípica normalizadora. O desdém na relação edípica tem produzido efeitos aniquiladores, pois há pais que se relacionam com seus filhos intimamente; pais que expõem suas vidas íntimas na presença de seus filhos e irmãos que se relacionam sexualmente com irmãos. Assim a desordem edípica impede a identidade subjetiva do sujeito. "O desequilíbrio na relação triangular produz efeitos diversos na identificação sexual ou é origem de patologias graves" (Checchinato, 2007, p.108).

Conforme Checchinato (2001), o filho será continuamente vítima e/ou um beneficiário da estrutura psíquica da mãe. Este filho será um substituto do objeto (falo) que falta a essa mãe. A posição da criança como sintoma é devastadora, pois esta responde à falta daquela, ofertando-lhe o corpo para cuidar, entregando-lhe a existência, não arriscando nada que não seja direcionado por ela ou que sem sua proteção é impossível substituir. A criança prolonga sua infantilização e serve como tampão. Desse modo, impede a mãe ter acesso à verdade que o filho deixa escondida. Mãe e filho convivem de forma sintomática em um jogo de esconde-esconde. A contradição dessa posição de alienação que a criança se constituiu serve de obstáculo para a mãe se deparar com a realidade. Para o autor, a doença do infante manifesta-se através dos sintomas que faz uma denúncia do estado psíquico que decorre de como o sujeito foi concebido, gestado e mantido no decorrer do desenvolvimento (Checchinato, 2007).

Para Mannoni (2004), a "doença" do infante faz uma denúncia que traduz nos conflitos dinâmicos característicos dele próprio, diante das exigências do social e do desafio do complexo

de Édipo normal, como também pode gerar consequências como uma angústia reativa nos pais que se tornam incapazes de ajudar os filhos devido à inabilidade perante a sociedade. Segundo a autora, a complicação dos filhos rememora as carências, na estrutura edípica, não somente dos pais, mas dos avós, e até mesmo dos bisavós, o que indica uma enorme neurose familiar. A criança em desordem, presentifica um conflito vivo, latente, aceito ou ocultado pelos pais, que podem ser desejos reprimidos de pais não satisfeitos em sua vida conjugal ou mesmo social e que de alguma forma, aguardam de sua cria a cura ou uma forma compensatória para sua derrota.

*A criança doente é o representante ou suporte do mal-estar parental, mas de um mal-estar que se guarda fechado. Esse "querer" evidentemente não é um querer consciente, e, sim, uma necessidade de sobrevivência psíquica. O sintoma é e sempre será uma saída, embora falsa, de saúde (Mannoni, 1967 citado por Checchinato, 2007, p.120).*

A autora infere que não se perceba que por trás de um sintoma infantil, há alguma desordem familiar. Todavia, não é certo que a essa desordem tenha uma correspondência explícita com os distúrbios expressados pela criança. O que traz prejuízo ao sujeito não é somente o confronto real da criança com a verdade penosa e traumatizante, mas também aquilo que não foi verbalizado de forma clara, possibilitando o seu confronto com a “mentira” do adulto. É o que não foi dito que assume relevância suscitando danos psíquicos. Mannoni menciona a relevância tanto da palavra do pai como da palavra da mãe, especialmente.

Além disso, a posição que o pai assume para a criança dependerá do lugar que ele ocupa no discurso materno. A autora evidencia, ainda, como é comum ouvir que toda criança-problema reflete pais-problemas. É difícil não perceber que por trás do sintoma, ocorre desordem familiar. Todavia, não é verdadeiro que essa desordem familiar possua uma relação direta de causa e efeito com os distúrbios da criança. Concluindo, o grande fator prejudicial ao sujeito é a recusa dos pais a enxergarem essa desordem, o empenho deles em palavra, para aí mudar uma complexa situação que muitas vezes escapa à sua consciência (Mannoni, 2004).

Para Dolto (2004), a criança é aquela que encarna e presentifica – por meio dos seus sintomas – o resultado de um conflito vivo, familiar ou conjugal, velado e aceito por seus pais. Diz respeito a ela arcar, inconscientemente, com a força das tensões e das interferências provenientes da dinâmica emocional, sexual, inconsciente em ação nos pais, da qual o efeito da contaminação doentia se torna mais intensa na medida em que o silêncio e o segredo são guardados ao seu redor.

Por conseguinte, os sintomas infantis de impotência manifestados seriam uma ressonância às angústias ou uma reação às angústias dos pais. Ainda, de acordo com Dolto, existem situações em que a linguagem verbal se torna falha para comunicar alguma coisa e os comportamentos são representativos, sintomáticos, assumindo esta função. A autora não culpa os pais, porém acredita que pais e filhos de tenra idade são participantes de forma dinâmica, indissociados pelas suas ressonâncias libidinais inconscientes.

Dolto (2002) também evidencia o primado da palavra e a relevância do “falar à criança”. Assim, confirma a magnitude de “falar a verdade”, uma vez que o silêncio enganador promove a angústia e a verdade, quando dita, possibilita ao sujeito construir-se e humanizar-se.

*Naquele ponto em que a linguagem termina, é o comportamento que continua a falar, e quando se trata de crianças perturbadas, é a criança que, pelos seus sintomas, encarna e presentifica as consequências de um conflito vivo, familiar ou conjugal camuflado e aceito por seus pais (Dolto, 2004, p.12).*

Um dos primeiros acontecimentos para reconhecer o filho enquanto sujeito, portador de sofrimentos, angústias e faltas é exposto por Dolto (1990), através da castração dos próprios pais.



Ela coloca a necessidade de levá-los a enxergar no filho um semelhante, um ser humano com inteligência e entendedor das coisas da vida, uma criança portadora de desejos, ao passo que eles não a veem a não ser um corpo que anseia cuidados, mal regrado e falho que precisa ser recondicionado, como se eles tivessem que desempenhar tal função, suscetível de ser realizada e dependente de um fator determinante, independente do tempo.

Checchinato (2007) ressalta que a formação da criança é marcada especialmente pela maneira como os pais relacionam entre si. A forma de como um é para o outro deixam marcas indelévels no inconsciente dos filhos, mas muitos pais disfarçam suas dificuldades no casamento o que leva a delegar o sintoma a seu filho como sendo uma forma de encobrir seus conflitos. Assim, há uma desestruturação em muitas dinâmicas familiares, interferindo de forma negativa e relevante no desenvolvimento dos filhos, os quais são dependentes do par parental, e, mais tarde, essas crianças serão geradoras de outras famílias (Gomes, 1998).

Desta forma, na visão de Nominé (1997), para se ter uma família "sadia", é fundamental que cada um de seus membros ocupe seu lugar e que o par parental funcione de forma adequada, pois caso isso não ocorra, o sintoma da criança pode vir a emergir como a verdade do par familiar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este estudo, conforme explicitado em toda fundamentação teórica, apresentou autores como Bastos, Checchinato, Dolto, Lacan, Mannoni entre outros que corroboram a tese de que a criança é sintoma dos pais, visto que a família é a grande matriz das formações vinculares e o sujeito começa a se constituir a partir dela. Porém, em muitos lares, a perturbação do casal parental é vivenciada pelo infante, que em sua total dependência, encontra-se com uma angústia insuportável, apresentando sintomas como a única saída viável.

Assim, os sintomas ocorrem em razão do desequilíbrio na relação triangular, pois uma função paterna frágil ou ausente pode gerar sérios comprometimentos, já que essa função opera a castração instaurando a lei e separando a criança da mãe. Além disso, os sintomas podem ser suscitados pelas projeções inconscientes do par parental, sendo representantes do desejo inconsciente deste, como também, a relevância da dependência do infante em relação ao outro, levando-o a não assumir um lugar enquanto sujeito.

Esta pesquisa obteve, também, resultados opostos a toda a literatura citada. Autoras igualmente com base teórica psicanalista tais como Poulain-Colombier (1986), Zornig (1991) e Kupfer (1994) discordam da relação entre o sintoma infantil e o vínculo pais-crianças. Estas autoras argumentam que não se pode desconsiderar a criança enquanto sujeito do seu próprio discurso, muito menos sugerir uma passividade do infante frente ao desejo do Outro, aqui representado por uma família na qual se encontra inserida. Para elas, enfatizar a "neurose familiar", ao invés das questões da criança, abriria espaço para interpretar que esta é sintoma dos pais e logo haveria a necessidade de uma terapia familiar e não de uma análise individual.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Posto que o sujeito começa a se constituir na infância, a família possui um papel imprescindível, pois é ela que assegura ao infante suas primeiras necessidades e experiências, como também ajuda o mesmo a elaborar seu complexo de Édipo. Entretanto, este dependerá de como essa família se estrutura e como os pais elaboraram seus próprios Édipos.

No entanto, em diversos lares, as relações parentais tornam-se tensionadas e, dessa forma, os filhos mantêm-se "reféns" dos conflitos provenientes do casal parental, já que os pais colocam-nos como mantenedores das relações deles. O infante, em sua total dependência, acaba por ocupar este lugar, manifestando variados sintomas provocados pelos problemas daqueles.

O vínculo familiar, desde cedo, assume todo o sentido para as crianças. É a partir de um ato casto em relação a ela que esclarecerá e dará fim ao conflito edípico. Para isso, é necessário que haja o interdito, a entrada de um terceiro que realize a função paterna, seja o próprio pai

biológico ou qualquer outra pessoa que desempenhe essa função e opere na relação de dualidade entre mãe-filho, enquanto se introduz o simbólico e a falta que lhe é intrínseca. Isto posto e respaldado pela literatura pesquisada, pode-se concluir que caso a mãe não se deixe castrar pela função paterna, o filho se encontrará em perigo, vulnerável aos desejos dela. Essa criança se tornará um "objeto parcial" disponível a servir os fantasmas maternos tendo sua subjetividade comprometida.

Presume-se que em muitas famílias onde a confusão é instaurada, seja pelo declínio da função paterna, não permitindo que o filho localize-se na posição terciária (equidistante na triangulação sendo condição que normatiza os sujeitos), seja pelas projeções inconscientes dos próprios pais que recaem sobre suas crias, ou mesmo que a criança seja colocada na dinâmica do casal em tumulto, os resultados disso são os mais variados conflitos no psiquismo daquela que, confusa e solitária, não contará com alguém que interceda por ela, respondendo a tudo por meio de inúmeros sintomas.

Mas, então, o que seriam os sintomas? Seriam expressões de uma motilidade da vida que se encontra impedida, um fluxo encapsulado, retido e alimentado por tamanha angústia cuja família não recria maneiras de expressar os afetos que os abalam em determinados períodos. Precisamente, o sintoma seria o que não se conseguiu dizer no simbólico de forma adequada e estas crianças denunciam através de seus sintomas o mal-estar presente na configuração do par parental. Sendo esses, meras metáforas de famílias "doentes", não se deve jamais abafá-los, visto que são estruturas necessárias para a sobrevivência do sujeito.

Vale ressaltar que há autores evidenciados nesta pesquisa que discordam da relação entre o sintoma infantil e o vínculo pais-crianças. Dessa forma, seria relevante o estudo desse viés mais detalhadamente, uma vez que essa abordagem não foi levada em conta neste trabalho, tornando-se posteriormente, uma interessante abertura para futuras pesquisas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. M. "O desejo no neurótico obsessivo". **Psic. Rev. São Paulo**, vol.19, nº 1, p.33-57, 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/download/5219/3753>. Acesso em: 27 nov.2014.
- BASTOS, R. F. **A criança no discurso parental**. In: I Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1999.
- BRAUER, J. F. **A criança no discurso do outro: um exercício de psicanálise**. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- CHECCHINATO, D. "Psicanálise dos pais". **Pulsional Revista de Psicanálise**, XIX/XV (152/153), p. 42-69, 2001. Disponível em: [http://www.editoraesquita.com.br/pulsional/152\\_153\\_04.pdf](http://www.editoraesquita.com.br/pulsional/152_153_04.pdf). Acesso em: 27 nov.2014.
- CHECCHINATO, D. **Psicanálise de pais: crianças, sintoma dos pais**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.
- DOLTO, F. Prefácio. In: MANNONI, M. **A primeira entrevista em psicanálise**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- DOLTO, F. **Auto-retrato de uma psicanalista**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990.
- DOLTO, F. **Tudo é linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FERREIRA, B. H. A. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GOMES, I.C. **O sintoma da criança e a dinâmica do casal**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- JERUSALINSKY, J. **A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, Brasil, 2009.

- KEHL, M.R. Lugares do feminino e do masculino na família. In: COMPARATO, M.C.M; MONTEIRO, D. S. F. (orgs). **A criança na contemporaneidade e a Psicanálise: Família e sociedade: Diálogos interdisciplinares.** São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 29-38, 2001.
- KUPFER, M.C. Pais, melhor não tê-los? In: ROSEMBERG, A. M. S. (org). **O lugar dos pais na psicanálise de crianças.** São Paulo: Escuta, p. 99-119, 1994.
- LACAN, J. **O seminário, livro 4: A relação de objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- MANONNI, M. **A primeira entrevista em psicanálise.** Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- MEIRA, Y. M. A família: uma questão de estrutura? In: MEIRA, Y. M. (org). **O porão da família: ensaios de Psicanálise.** São Paulo: Casa do Psicólogo, p 79-92, 2003.
- MENDONÇA, L.G.L. **De que sofrem as crianças, hoje?** Curitiba: CRV, 2013.
- MIGUELEZ, N.B.S. **Complexo de Édipo: novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- NASIO, J.D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- NOMINÉ, B. *O sintoma e a família: conferências belorizontinas.* Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 1997.
- POULAIN-COLOMBIER, J. **Histoire des concepts et des techniques.** Littoral 18. Paris: Éres, 1986.
- ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.
- ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SOIFER, R. **Psicodinamismos da família com crianças.** Petrópolis: Vozes, 1983.
- ZORNIG, S. A criança em psicanálise. In: ALBUQUERQUE, C. J. D, LANES, E.(orgs). **A psicanálise e seus destinos.** Rio de Janeiro: Coqueiral, 1991.